

ARTES PLÁSTICAS/1980

UM ANO SEM GRANDES MOSTRAS

SALVO POR PEQUENAS EXPOSIÇÕES



Hélio Oiticica: desaparecido prematuramente

Wilson Coutinho

A incursão das artes plásticas pelo duro ano de 1980 se não foi triunfal, também não foi catastrófica. Motivos haviam para que as artes plásticas minguassem durante o percurso do ano, por falta de vários incentivos, inclusive os monetários. Podia-se até esperar pelo pior com o país açoitado pela crise econômica, o MAM praticamente recuperado, mas inerte, ainda convivendo com sua síndrome do fogo, que engloba junto, falta de verbas permanente, além do seu impasse político-administrativo que não o permite ainda transformar-se numa fundação ou em outra coisa capaz de movê-lo da sua sistemática abulia.

De qualquer forma, o belo prédio construído pelo talento de Reydi parece que está recauchutado, capaz de suportar as intempéries do fogo, do ar, do vento e do mar. Falta agora que devolva para a comunidade a feliz segurança de boas e organizadas exposições, além de tentar demonstrar a comunidade internacional das artes, o que demorará talvez algum tempo, que está apto para receber mostras internacionais, sem que lhes seja arranhado o verniz das pinturas, nem que elas sejam dissolvidas pela arte inventada por Prometheus.

O MAM parado é o calcanhar de Aquiles do sistema de arte carioca. Sem ele, tudo capenga. Descobriu-se, por exemplo, a inexistência nesta vasta cidade de 10 milhões de habitantes de um profícuo espaço, onde o trabalho de arte possa ser dignamente mostrado. A localização do museu é estrategicamente ideal, no Centro da Cidade, podendo atrair para lá os dilettantes e os profissionais de artes plásticas dos vários pontos do Rio.

O MAM ainda esse ano recebeu o fustigamento político da Associação Brasileira dos Artistas Plásticos Profissionais, insatisfeita com a situação reinante e, principalmente, com o desligamento dos artistas do processo de sua reconstrução. A ABAPP promoveu um boicote às atividades do museu. Mas é justo meditar que, se ele foi bem-sucedido, foi menos por cálculo político e mais pela própria situação problemática que o MAM foi obrigado a viver.

Mas, de qualquer forma, a passo de tartaruga ele começa a se erguer, embora arquitetonicamente um pouco desvirtuado. Critica-se as esquadrias, critica-se o sólido aparato construído para que jamais o MAM receba, de novo, o batismo do fogo.

Houve, contudo, exposições lá. Algumas de qualidade que não honram os hábitos e os destinos de museu dedicado à arte moderna e contemporânea. Houve uma infiltração de publicitários, cujo marco seletivo foi a desastrosa exposição de pinturas e desenhos eróticos de Zaragoza, cuja convivência com o tema, ao menos ao nível visual, é a de um menino que viu pelo buraco da fechadura a cena proibida. E, soube, apenas, explicar para os amigos os detalhes insignificantes.

Sem a possibilidade de realizar uma exposição com Oscar Niemeyer, notório homem de esquerda, o MAM aplicou-se em mostrar um mediocre reverso da medalha, trazendo para as suas salas nada mais, nada menos, que um decorativo dissidente soviético, apoiado num custoso catálogo e empurrado para lá por uma série de galerias internacionais. Mas, salvou-se com Mário Pedrosa, que organizou uma mostra com desenhos de Raphael, artista esquizofrênico, morto em 1979, paciente da Dra Nise da Silveira, que o trouxe, através do seu dedicado trabalho, para a luz da arte, quando ele poderia sucumbir para sempre nas trevas da loucura. Mas, mesmo essa exposição não dá equilíbrio ao museu. O MAM é um espaço de atividades culturais. Não será uma mostra ou outra que fará museu reconciliar-se com a comunidade, nem com as tarefas culturais que é, por obrigação, destinado a executar.

Foi na Funarte, a nossa Petrobrás das artes, que se pôde recolher os saldos positivos do ano. Ao menos, ela tentou devolver ao contribuinte um pouco de cultura, uma mínima porcentagem que lhe é arrebanhada nos impostos. Editorialmente, o lançamento do livro *Museu de Imagens do Inconsciente* deve receber os elogios dos que andam a sussurrar pelos cantos o aumento dos dígitos. Não foi dinheiro jogado fora. O livro



Uma natural e sensual história de amor

A LAGOA AZUL

COLUMBIA PICTURES Apresenta um Filme de RANDAL KLEISER
"THE BLUE LAGOON"
Estrelando BROOKE SHIELDS e Christopher Atkins
LEO MCKERN • WILLIAM DANIELS
Diretor de Fotografia NESTOR ALMENDROS
Roteiro de DOUGLAS DAY STEWART Co-Produtores RICHARD FRANKLIN
Produção e Direção por RANDAL KLEISER

14 anos LEIA O LIVRO

HOJE

2 • 4 • 6 • 8 • 10

PARTEIDOS

ART

ART

ART

ART

ART

ART

ART



Escultura de Tunga, no Espaço ABC



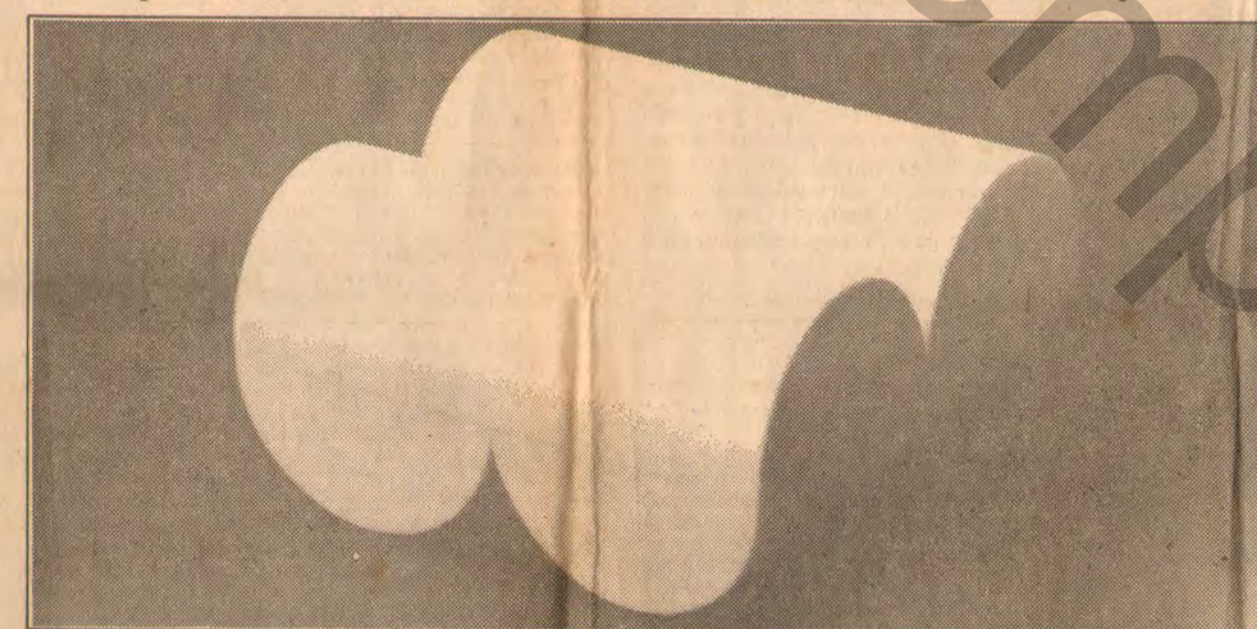
Frutos do Espaço, de Antonio Manuel



Na Saramenha, as pinturas de Aluísio Carvão



A exposição dos desenhos de Raphael foi um dos pontos altos da temporada



Sérgio Camargo: construtivismo no Espaço ABC



MAM: Ainda com problemas



Francisco Rebol: a morte do pintor operário

coroa um dos mais dignos trabalhos, no turbulento campo da psiquiatria, executado pela dedicação e pelo amor da Dra Nise da Silveira. Seguindo a seqüência de livros editados sobre arte contemporânea vale registrar o de Lygia Clark, uma esplêndida artista brasileira, que só agora, depois de um percurso de magistrais trabalhos, foi prestigiada através do recolhimento memorial de sua obra num livro.

A Funarte, contudo, convive com dois intrincados problemas. Um, e o seu conglomerado de galerias que se espreguiçam no seu ventre. Falta-lhes uma orientação cultural mais segura, um dinamismo maior e uma inventividade na programação para que suas galerias não soçobrem no acomodado bocejo do tédio. Outro, é o Salão Nacional. Obrigado a executá-lo por um dever cívico de ordem constitucional, o Salão é um burocrático bater de continência. Modificações radicais precisam ser inoculadas no seu regulamento para que não caia, como o realizado esse ano, num confuso alojamento de obras. Premiou um bom artista, Manuel Messias, mas isto não é suficiente.

A solução poderia ser um Salão de Jovens e uma mostra que examinasse as questões da linguagem da arte, organizada por uma curadoria, que convidassem artistas, cujos trabalhos se incorporassem ao problema formal proposto. Sem dúvida, mostras de caráter didático porque há uma geração de estudantes educados pela Lei de Diretrizes e Bases, que jamais suspeitaram da existência do Modernismo de 22. Aliás, cabe ao setor de artes plásticas da Funarte promover o preenchimento desse hiato, necessário para o desenvolvimento, conhecimento e valorização da arte brasileira. A Funarte poderia abrigar retrospectivas históricas a partir do Modernismo. Ao menos, para que cada geração que surja não compartilhe da segura ignorância, que tem sido comum nos últimos anos.

A institucionalização da arte experimental, através da criação do Espaço ABC, pode ser considerado um ponto a favor para a atual administração da Funarte. Nascida nos anos 60, como um módulo experimental à sombra do MAM, com a participação de Frederico Moraes, Cildo Meireles, Luiz Alphonsus e Guilherme Vaz, conseguiu, durante a década de 70, ocupar o MAM e, agora, se integra, talvez definitivamente, aos braços mais ricos do Estado. Mas, foi a criação do Espaço, que permitiu, num ano, a mostra de trabalhos de artistas como Paulo Herkenhoff, Tunga, José Resende, Antonio Manoel, além de abrigar as esculturas de Sérgio Camargo.

O problema do Espaço ABC era o local e o Pavilhão Brecheret que abrigava as obras expostas. Um espaço improvisado e um local de difícil acesso. Bem que sua administração procurou movimentar o local, carregando para lá shows de música ou conferências. Critica-se, com razão, a falta de didatismo com as mostras eram servidas para o minguado e pobre espectador, que por lá viesse bater às suas portas. Com um pouco de engenho, isto poderá ser sanado para o próximo ano, quando o Espaço ABC sofrerá um deslocamento espacial, indo habitar a sede da Funarte, na antiga galeria Jurandir Noronha. Como não se deve considerar como uma grande vantagem o fato de as artes plásticas não serem vistas, o novo local poderá propiciar, além dos embates de linguagem, a possibilidade da existência dos olhares do público.

MESMO lutando contra um espaço hostil, que é o Pavilhão Brecheret, alguns trabalhos conseguiram impor-se independentemente do lugar. A exposição de Sérgio Camargo foi válida pelo reencontro com suas esculturas de íngreme inteligência. Tunga também soube consumir aquele espaço, mostrando uma série de trabalhos com feltro e borracha, que valiam por si mesmos. O mesmo acontecendo com a apresentação de José Resende, que colocou lá trabalhos indicativos da sua última fase. O sábio Antonio Manuel, compreendendo o dilema do lugar, organizou sua mostra de esculturas fora do Pavilhão, integrando-as à paisagem e procurando recordar que aquela área anteriormente tinha sido ocupada por uma barulhenta e viva favela.

Outro ponto a favor da Funarte foi a sua galeria de fotografias. Além de mostras de caráter puramente documental, como a visita do Papa ou a Revolução de 30, conseguiu trazer para lá o trabalho de um fotógrafo como Miguel Rio Branco, que realizou uma comovente mostra sobre a comunidade do Maciel, no Pelourinho, demonstrando que o caminho da fotografia, entre nós, pode ultrapassar o esteticismo de laboratório e o panfletos da miséria fotogênica.

Nas galerias comerciais, Jean Boghici começou homenageando Mário Pedrosa, mostrando uma série de obras de artistas que passaram pelo seu esmerado olhar crítico e terminou o ano com a exposição com Calder. Na área comercial é sua galeria, que devemos esperar mais para o próximo ano pelo senso profissional do seu proprietário e seu dinamismo sempre em combustão. A Saramenha organizou esse ano uma bela exposição de pinturas de Aluísio Carvão, com suas pipas organizando a superfície da tela, além das mostras de gravura de Anna Bella Geiger, das pinturas de Paulo Roberto Leal e a instalação — Ping-Pong — de Waltércio Caldas. Na Petite Galerie, questionando o suporte, fazendo-o transparecer como objeto de pintura e de visualidade possível, ocorreu a mostra de Adriano D'Aquino. Também como Paulo Roberto Leal preocupado em fazer que a cor tenha uma função que estimule o olhar.

De qualquer forma, se o ano não pode apresentar grandes mostras, nem revelar um grande renascimento no setor, salvou-se por alguns trabalhos individuais pilhados aqui e acolá nas galerias. Alguns artistas como Tunga ou Antonio Manoel, por exemplo, puderam realizar excelentes exposições, mas o ambiente e teme-se que 81 seja igual, ainda não conseguiu modificar a sua atmosfera para que novos problemas e questões surjam no ambiente de arte. Nesse aspecto, ainda não chegamos, em artes plásticas, na década de 80. Como todo ano, há os registros tristes. As mortes de Rebol e de Hélio Oiticica como a tragédia, que envolveu Iberê Camargo.